

# YOKO TAWADA: ENTRE AS MARGENS DAS LITERATURAS-MUNDO

## YOKO TAWADA: BETWEEN THE MARGINS OF WORLD LITERATURES

Eduardo Spieler de Oliveira<sup>1</sup>

**Resumo:** Há um constante esforço da crítica literária em pensar a obra de Yoko Tawada sob a perspectiva da forma, gênero e categoria literária. Entre as possíveis categorizações, definem-na como: literatura pós-moderna (KERSTING, 2006), exofônica (WRIGHT, 2008; NEUMANN, 2019), “de migração” (ESSELBORN, 2007; KURITA, 2015), “de viagem” (KRAENZIE, 2008); literatura contemporânea alemã (BANOUN, 2010; DE ABREU, 2017), literatura sem morada fixa (PORTO, 2022), Weltliteratur (STURM-TRIGONAKIS, 2007; TYERNEY, 2010), entre outros. As diferentes nomenclaturas mostram a diversidade e a riqueza irredutível de uma obra multiforme. Observa-se um contínuo interesse na pesquisa acadêmica, em parte, talvez, pelos desafios que impõe aos pesquisadores, ou, ainda, pela ampla superfície de projeção nos diferentes discursos literários propostos por pesquisadores da área de crítica literária e do comparativismo. Destaca-se, nos discursos mais recentes, a tendência a se pensar sua literatura em uma perspectiva pós-colonial. Nesse artigo busca-se promover a reflexão sobre a necessidade de se teorizar novas formas de pensar a literatura justamente pela existência de escritores como Tawada. Essa reflexão parte da conceituação proposta por Ottmar Ette (2017) de Weltliteratur, exposta em sua obra *Fractais do Mundo: um caminho pelas Literaturas-Mundo*, para chegar nas razões da reformulação do termo.

**Palavras-chave:** Yoko Tawada; Weltliteratur; Literaturas-Mundo; Ottmar Ette; Literatura comparada.

**Abstract:** There is a constant effort by literary critics to think about Yoko Tawada's work from the perspective of form, genre and literary category. Among the possible categorizations, they define it as: postmodern literature (KERSTING, 2006), exophonic (WRIGHT, 2008; NEUMANN, 2019), “migration” (ESSELBORN, 2007; KURITA, 2015), “travel” (KRAENZIE, 2008); contemporary German literature (BANOUN, 2010; DE ABREU, 2017), literature without a fixed address (PORTO, 2022), Weltliteratur (STURM-TRIGONAKIS, 2007; TYERNEY, 2010), among others. The different nomenclatures show the diversity and irreducible richness of a multiform work. There is a continuous interest in academic research, in part, perhaps, due to the challenges it imposes on researchers, or even due to the wide projection surface in the different literary discourses proposed by researchers in the area of literary criticism and comparativism. The tendency to think about literature from a post-colonial perspective stands out. This article seeks to promote reflection on the need to theorize new ways of thinking about literature precisely because of the existence of writers like Tawada. This reflection starts from the conceptualization proposed by Ottmar Ette (2017) of Weltliteratur, exposed in his work *Literatures of the World: Beyond World Literature* to arrive at the reasons for the reformulation of the term.

**Keywords:** Yoko Tawada; Weltliteratur; World Literatures; Ottmar Ette; Comparative Literature.

### Introdução

Sob as palavras-chave “globalização” e “literatura alemã”, Yoko Tawada é sempre contabilizada como uma exceção, não apenas por sua história pessoal, mas também por escrever em ambas as línguas (japonês e alemão) e por fazer das distâncias culturais um tema em sua poética transcultural. Nesse ponto, seria uma tendência redutora definir sua obra como simplesmente literatura de migração, ou encaixá-la dentro da literatura de minorias na Alemanha. Aproximações que refletem sua obra em um cenário de globalização cultural, transcultural e hibridismo das literaturas-mundo parecem mais coerentes. A intenção de discutir a obra de Tawada sob esse viés vem ao encontro com os discursos pós-coloniais, dos

---

<sup>1</sup> Licenciado em Letras Língua Portuguesa e Literatura da Língua Portuguesa, Língua Alemã e Literatura da Língua Alemã, mestrando no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, com bolsa CNPq, na área de concentração de Estudos de Literatura, na linha de pesquisa de Teoria, Crítica e Comparativismo. Participa do Grupo de Pesquisa do CNPq Cosmos Littera.

estudos culturais e da literatura comparada. Dessa forma, é possível se afastar de uma definição reducionista, entre a simples distinção de literatura nacional e internacional, como alguns estudos interculturais germanísticos tendem a posicionar a obra de Tawada. A proposta deste artigo é refletir a partir de dois vetores: o primeiro são os próprios escritores – que ultrapassaram a simplista diferenciação de nacional e do estrangeiro, que escrevem em contextos de migração, mas não necessariamente sobre a migração, que refletem sobre a língua, sobre a cultura, entre outros; e o segundo, a evolução dos estudos na literatura comparada e nos estudos culturais – que tendem a refletir sobre a literatura não mais a partir de um cânone europeu ou de países de primeiro mundo, destacando polisistemas, polilógicas, transculturalidade, entre outros. O ponto de convergência desses dois vetores resulta na necessidade da reformulação de conceitos e termos mais adequados para a profunda transformação que esses autores causam em um contexto de globalização.

A teoria pós-colonial ampliou horizontes naquilo que se refere aos estudos culturais e à literatura comparada. Intelectuais oriundos de contextos coloniais, como Edward Said, discutem a migração da Teoria Literária de um contexto para outro, normalmente do colonial para o pós-colonial, e as possíveis transformações que elas sofrem ao serem aplicadas nesses diferentes contextos, um processo inevitável decorrente das diferenças culturais, históricas, sociais, econômicas, políticas, etc. A teoria, ao ser transportada para outro ambiente, é submetida a singularidades que não podem ser ignoradas. Esse contato ou fricção deve gerar o diálogo capaz de construir novos conhecimentos. Said (1983) argumenta que uma leitura jamais é neutra ou inocente, cada texto traz, na verdade, marcas muito fortes do local de origem, assim, uma teoria que pretenda examinar uma obra não deveria ignorar esse local. A teoria, na tentativa de ser abrangente, pode ignorar a própria razão de aplicação em uma nova cultura, seja ela utilizada para analisar ou para compreender essa cultura na qual é inserida. Assim, é preciso atentar-se para o fato de que uma produção cultural ou histórica, como fenômeno histórico, deve ser realizada de forma contextualizada.

As correntes dentro dos estudos literários em meados do século XX tinham um fundo imanentista. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, lançou-se uma busca desenfreada por modelos que iam no sentido oposto dos totalitarismos impostos em diferentes países europeus. Na Alemanha, por exemplo, o Nacional-Socialismo havia demonstrado uma brutalidade desumana na lógica do nacionalismo; havia exacerbado a literatura nacional em detrimento dos escritos para além das fronteiras alemãs. Essa busca pela apreensão do fenômeno literário gerou um conjunto de modelos generalizados e extensivos. Segundo

Coutinho (*in* JOBIM, 2020, p. 41), “a palavra de ordem nessa época era a construção de leis ou regras, que fossem válidas em quaisquer instâncias, e servissem para explicar o produto, sem levar em conta diferenças específicas”. É nesse contexto que Auerbach (AUERBACH, 2015) retoma o conceito de *Weltliteratur*.

O termo surge originalmente em exposições de cartas, comentários e resenhas de Goethe. Para Goethe, “a poesia é uma propriedade comum à humanidade, que por toda a parte e em todas as épocas surge em centenas e centenas de criaturas (...) A literatura nacional não significa grande coisa, a época é da literatura mundial e todos nós devemos contribuir para apressar o surgimento dessa época.” (ECKERMANN, 1950, p. 15). Naquele período, ainda não existia a nação alemã – que se tornou um estado nacional somente em 1871. Os estados alemães formavam movimentos patrióticos em um contexto de resistência à dominação francesa. Assim, tomado por Goethe em um sentido de universalidade e baseado em forte reação ao eurocentrismo dos estudos tradicionais, o termo foi utilizado como um modo de circulação e de leitura, uma forma de ler que confere atenção especial à recepção de um texto que foi originalmente criado fora do local de leitura, trazendo em si uma ideia de inclusão e ampliação das fronteiras.

Ao contrário da formulação da *Weltliteratur* por Goethe, Auerbach (AUERBACH, 2015) retoma o conceito de forma a pensar em um campo dinâmico, caracterizado por mudanças culturais, de línguas, de campos literários e acadêmicos. Foi por meio de Erich Auerbach que se começou a desenvolver um estudo literário sem morada fixa. Durante o período do entre guerras, diversas teorias foram utilizadas de maneira deturpada em favor de um regime totalitário e ditatorial. Dessa forma, o autor, em um esforço de repensar a maneira de ver a literatura e de como é percebida, menciona o termo de uma forma contextualizada: levando em conta a perseguição dos dissidentes do ‘Reich’ Nacional-Socialista, afirma que “nesse ponto vital, a estética filológica de Auerbach estava profundamente enraizada na sua ética historicamente moldada, apoiada por seu saber viver [LebensWissen] e saber sobreviver [ÜberLebensWissen]” (ETTE, 2017, p. 43). Ottmar Ette (2017), ciente das limitações do termo em Auerbach e da dificuldade do autor de pensar a literatura fora do contexto europeu, tece uma crítica à forma totalizadora que o autor sugere ao conceito.

Diversos modelos críticos foram criados na Teoria Literária, por vezes em tons de universalidade ou de totalização. Em uma tentativa de encaixar-se à demanda científica da instituição acadêmica, estes modelos reduziram o sentido original de reflexão a partir da própria literatura. Todavia, percebemos que há neles um contexto. A partir dessa percepção e

estudando a fundo o conceito, Ottmar Ette (2017) discute um grande número de textos de Bartolomé de las Casas e Alexander von Humboldt até Guillaume-Thomas Raynal, José Martí, Edouard Glissant, Amin Maalouf, Jean-Marie Gustave Le Clézio, Mario Vargas Llosa e Yoko Tawada para propor uma reflexão sobre o termo de forma a expandir a *Weltliteratur*. A partir dessa visão, que compreende a forma como o conceito foi utilizado anteriormente, e lançando um olhar mais profundo nas questões atuais, principalmente no que se refere à globalização, Ottmar Ette (2017) expande o conceito e o propõe como uma ferramenta de análise nos complexos contextos literários atuais.

### **Fractais do mundo: Literaturas do Mundo para Ottmar Ette**

Ottmar Ette em seu livro *Fractais do Mundo: um caminho pelas Literaturas do Mundo* (2017) faz uma retomada histórica do termo *Weltliteratur*, começando com os dois autores supracitados: Goethe e Auerbach. O livro também cita autores contemporâneos, como Pascale Casanova e David Damrosch, que se ocuparam do conceito em textos mais recentes. A principal crítica que Ette (2017) propõe é a de que a abordagem de Casanova (2004) e Damrosch (2003) – principais referências do conceito de *Weltliteratur* na atualidade – se concentra nas obras canônicas e em autores considerados notáveis por estudiosos europeus. Em seus tracejados de meridianos da literatura mundial, há uma tendência de que a literatura mundial seja classificada de acordo com a distância em relação a esse centro literário. “Ambos partilham”, segundo Ette (2017, p. 46), “a tendência de conceber a *Weltliteratur* como uma unidade e de a apresentar em uma cartografia contínua e ininterrupta, para a qual acreditam poder indicar meridianos de referência claros em cada caso”. Para o autor, é, portanto, necessário transferir o conceito para uma “filologia multilógica”, buscando, assim, uma variedade ampla de literaturas, vozes, tradições culturais, entre outros. Isso implica em considerar as interações e influências mútuas entre as literaturas e culturas do mundo, promovendo uma compreensão mais inclusiva e diversificada da literatura global. Destaca-se a importância de adotar essa abordagem mais ampla para abordar a riqueza da produção literária global e das complexas conexões culturais que existem entre as diferentes literaturas do mundo.

A reflexão proposta por Ette (2005, 2012, 2017) tem raízes na filologia românica e em pesquisas sobre literaturas em trânsito. Ele transfere o ponto de partida de análise dos estudos da Europa para a América Latina, buscando integrar a literatura latina em um contexto global. Em *TransÁrea: uma história literária da globalização* (2012), o autor apresenta um resumo

de sua visão da literatura no mundo, em meio à globalização. Nesse contexto, ele percebe a história mundial dos últimos séculos como uma história composta por quatro “fases de globalização acelerada”, tendo cada uma das fases seus próprios símbolos, textos e aspectos culturais.

A primeira fase de globalização acelerada seria a da expansão espanhola para as Américas, na qual três línguas européias – português, espanhol e latim – foram levadas para as novas terras descobertas, assim como para as regiões africanas e asiáticas. Essa fase situa-se em uma escala política global e encontra o símbolo marcante da caravela. A segunda fase da globalização acelerada impõe o francês e o inglês, línguas das principais potências deste segundo impulso. Durante o período de 1750 até 1850, exploradores como Bougainville e Cook chegaram nos últimos lugares ainda desconhecidos do mapa mundi com a ajuda de uma fragata. “Na Alemanha, na época de Goethe, é também caracterizado por uma fase de proliferação de composições com o afixo *Welt*, o que demonstra uma nova consciência de um pensar global” (ETTE, 2012, p. 14). A terceira fase é marcada pela expansão dos EUA – primeiro poder hegemônico não europeu na disputa pelas riquezas do planeta – para o Caribe e o Pacífico, e vai de 1860 até o fim da Primeira Guerra Mundial. Nessa fase, nenhuma outra língua europeia é acrescentada e seu símbolo é o barco a vapor. A quarta fase, a partir dos anos 1980 até a atualidade, representa o período de globalização, no qual é constituída a sensibilidade com relação ao outro, e, também, a definição da Europa e dos Estados Unidos como poderes hegemônicos mundiais.

Ette enfatiza a área caribenha, trazendo como um exemplo um texto que oscila entre literatura e ciência, o livro de Fernando Ortiz *Contrapunteo cubano del azúcar y del tabaco* (1987), de 1940. O autor traz o conceito de “cubanidade” em contraponto a uma definição de identidade nacional fixa e estabelecida, de forma a pensá-la como vetorialmente determinada a partir de cruzamentos e movimentos culturais. A partir da forma que Ortiz (1987) pensa Cuba como um campo transatlântico de tensão entre Europa, África e América, Ette exemplifica uma forma de refletir sobre uma cultura, e demonstra como a *Weltliteratur* pode ser um complexo arcabouço e um meio de pensar o mapa mundial em uma poliperspectiva e de forma polilógica. Ao contrário do que Casanova e Damrosch propõem, Ette (2017) se recusa a definir a literatura a partir de um ponto fixo – tanto a Europa como a literatura nacional –, já que para o teórico os textos de muitos autores se desdobram em um campo dinâmico que corresponde a um mundo que opera, desde o século XVI, a partir da primeira fase da globalização acelerada, em uma dinâmica de vetorização.

Um segundo exemplo trazido por Ette (2017) é de José Lezama Lima e seu livro *La expresión americana* (1993). Na obra, Lezama Lima faz uma análise da História Americana vista a partir de imagens construídas por quem viveu esse passado, analisando clássicos literários ou gráficos, testemunhos orais e escritos, que representam a História como um ente vivo. Dessa forma, não são apresentados elementos culturais de forma adicional, mas em uma totalidade aberta e crítica de lógicas relacionais. Com este exemplo, o autor vai além de uma lógica translacional e espacial ao favorecer o movimento e mapeamento móvel ao invés de uma territorialização e fronteiras fixas. A argumentação de Ette (2017) converge para um encadeamento de pontos na medida que revela que cada uma das fases da globalização acelerada forma a próxima. Também mostra a *Weltliteratur* como uma possível ferramenta de análise tanto para textos contemporâneos – de bases híbridas –, assim como para textos antigos.

O autor remonta o conceito fugindo de padrões rizomáticos, aproximando-o da globalização vivida nos dias atuais e encontrando no fractal uma imagem e metáfora adequada para descrever o processo contínuo de translações de línguas e culturas. A proposta não é apenas um alinhamento entre a história literária e da globalização com a percepção de transrealismo em uma escala global, mas também uma ferramenta de identificação e análise para contextualizar textos em nível teórico a partir de uma leitura cerrada e à distância. Como um fractal, uma figura geométrica em que as partes separadas repetem o todo, essas pequenas entidades interconectadas são as diferentes literaturas conectadas ao redor do mundo, e qualquer tentativa de isolar uma parte do fractal, ou seja, tirar a literatura do contexto histórico, social, cultural, entre outros, estaria condenado à falha.

A partir dos questionamentos sobre a *Weltliteratur* desde sua conceituação inicial, seu debate mais atual e a apresentação de exemplos que demonstram formas de reflexão sobre a cultura e a literatura, Ette (2017), com a ideia de *TransArea*, gera uma configuração teórica capaz de explorar literaturas em uma escala global fundada nos princípios da transdisciplinaridade, transcultura, translinguagem, transmidialidade, transtemporalidade e transespacialidade.

Trata-se de movimentos transculturais que atravessam diferentes culturas e línguas em um processo tradutório infinito entre pólos diferentes que, por sua vez, mudam constantemente, exatamente por estarem vinculados a processos tradutórios que se renovam infinitamente (ETTE, 2005, p. 102).

Dessa forma, retomamos o ponto central: a reflexão sobre a necessidade de revisitar conceitos literários dada a hibridização de textos contemporâneos que já não correspondem a

uma forma fixa e estanque de produção literária. As possíveis classificações de autores como Yoko Tawada, por vezes, remontam um padrão de análise vinda de países hegemônicos, afastando-a ou aproximando-a de um cânone literário europeu. A autora é, então, o objeto de análise para compreendermos como sua obra não deveria ser analisada a partir de um meridiano literário, mas talvez pensada a partir da reformulação de *Weltliteratur* proposta por Ottmar Ette.

### **Yoko Tawada: através do fractal do mundo**

A escritora Yoko Tawada, enquanto japonesa que vive na Alemanha, transcende fronteiras linguísticas, culturais e geográficas de forma metafórica e concreta. A autora transmite semelhanças e diferenças culturais navegando entre os idiomas e possibilitando reflexões a partir da perspectiva e vivência únicas. Nascida no Japão em 1960, a autora vive na Alemanha desde os anos 1980, primeiro em Hamburgo, depois em Berlim, além de estar constantemente viajando pelo mundo. Sua literatura parece abrir um novo horizonte na paisagem literária alemã dos últimos vinte anos. Pensar em um espaço ocupado pela autora parece uma tarefa complexa, pois desde as suas primeiras obras *Nur da wo du bist da ist nichts* (*Apenas lá onde você está, lá não está nada*) (TAWADA, 1987), a autora questiona a definição de espaços, lugares e tempos, em sua escrita, na qual, de diversas formas, ela exprime a pluralidade de culturas.

Tawada se inscreve na categoria de escritores imigrantes que chegam na Alemanha, no entanto, a maneira com que Tawada encara a questão da migração e da globalização parece abrir um novo horizonte ideológico. Uma grande parte dos escritores migrantes, principalmente até os anos 1989, tinham muito do relato testemunhal: falavam de suas experiências, do confronto com o outro, deixando questões formais e de estéticas em segundo plano (ESSELBORN, 2007). Na obra de Tawada, os temas colocados pela autora não buscam maldizer a modernidade em seu espaço de migração, pelo contrário, mostram uma fascinação exercida por um espaço sem fronteiras, de movimentos incessantes e de expedições etnológicas – buscando uma apreciação analítica e comparativa das culturas —, em seus escritos viajantes entre fronteiras. Textos bibliográficos da autora não apresentam conotações negativas da cultura de contato. O infamiliar é posicionado de forma analítica, ao mesmo tempo em que não há uma exaltação ingênua ou ideológica em favor de uma globalização como espaço libertário ou de libertação. Como na peça *Die Kranichmaske, die bei nacht*

*strahlt* (A máscara de grou que brilha à noite), onde o questionamento sobre o infamiliar em nos mesmos é colocada na perspectiva de vozes no palco.

Esse espaço do qual a autora escreve, a Alemanha, ao contrário de muitos países, por sua situação política e geopolítica no pós-Segunda Guerra Mundial, teve uma experiência singular em relação aos estrangeiros a partir dos anos 1960. A produção na Alemanha Ocidental cresceu tanto após o fim da guerra que havia mais trabalho do que mão de obra. Em 30 de outubro de 1961, um acordo era assinado na então capital, Bonn, chamado "Acordo de recrutamento" entre a Alemanha Ocidental e a Turquia. O objetivo era trazer turcos saudáveis e solteiros para trabalhar na Alemanha, num tratado bilateral que, nas décadas seguintes, iria mexer profundamente com a demografia alemã. Antes, a Alemanha já havia firmado acordos de recrutamento de mão de obra com a Itália (1955) e a Espanha (1960). Depois da Turquia, até 1968, trabalhadores vieram do Marrocos, de Portugal, da Tunísia e da então Iugoslávia (PREVEZANOS, 2016). A migração, portanto, não vinha das ex-colônias, como era o caso da França e da Grã-Bretanha, e a literatura proveniente dos imigrantes não vinha de estrangeiros cuja migração tinha razões econômicas.

O caso de Tawada é diferente. Depois de formar-se em Teoria da Literatura com ênfase em Literatura Russa na Universidade de Waseda, na cidade de Tóquio, em 1982, ela embarca em um navio para a costa leste da Sibéria, e, logo após, no trem transiberiano rumo à Europa. Na Alemanha, em Hamburgo, a autora começa seus estudos em Germanística. Ou seja, ela é uma imigrante intelectual e sua migração tem fins acadêmicos. Há aqui um ponto importante sobre a autora: quando questionada sobre a chamada “literatura de imigrantes”, Tawada diz não se reconhecer nessa definição (KURITA, 2015, p. 34). O espaço que seu escrito talvez ocupe é, justamente, o da fronteira, buscando uma reflexão sobre esse conceito e suas derivações. Um espaço que difere de escritores forçados ao exílio ou ainda que carregam em sua história o exílio de seus antepassados, ou ainda que imigraram como força de trabalho. Aqui há uma escolha ativa de permanecer nesse espaço fronteiriço: “Não quero atravessar a fenda que existe entre duas línguas. Eu quero viver lá” (TAWADA apud TYERNEY, 2010, p. 108).

Tawada apresenta sua migração do Japão para a Alemanha como fortuita, como uma viagem individual e, por isso, a autora expressa de maneira direta ou, sem um disfarce romantizado, sua experiência migratória, sem razão precisa ou sem dar uma explicação por ter escolhido Hamburgo como cidade para se instalar. A sociologia das migrações postula que as migrações não obedecem a uma lógica única e que, na verdade, elas se inscrevem dentro de

determinações coletivas. Nesse cenário, no caso de migrações voluntárias de intelectuais, o domínio da língua do país anfitrião é um pré-requisito e justamente a língua é um catalisador para a escrita tawadiana.

Por sua dimensão reflexiva, dentro desse contexto, a obra de Tawada se distingue não somente pelas especificidades culturais, mas pela consciência de um posicionamento dos valores dos sistemas gráficos onde a escrita tira proveito de uma maneira às vezes lúdica, mas também profunda. A autora enxerga a língua não apenas como um veículo de pensamento, ou como uma transcrição do oral, mas como uma manifestação independente – quase que de forma totalmente autônoma – a partir de uma relação ou comparação entre a língua falada e o sistema gráfico dela. No livro *Abenteuer der deutschen Grammatik* (Aventura na Gramática Alemã), há um exemplo da reflexão sobre o pronome *Ich*:

A segunda pessoa eu

Quando eu te chamava pelo teu primeiro nome  
eu dizia eu e queria dizer  
me.

Desde ontem tenho usado o teu primeiro nome,  
mas ainda não sei  
como me devo chamar<sup>2</sup>  
(TAWADA, 2010. Tradução minha)

A transformação pessoal vivida pela narradora ao se distanciar da língua japonesa tem um caráter psicológico profundo. Segundo Ette (2015), o “esvaziamento” do lugar ocupado pelo pronome “eu” dá as condições para inscrever ou não outras marcações. A imposição cultural japonesa que tanto atormentava a narradora dá espaço a uma relação abstrata e flutuante em relação à posição do sujeito.

A consciência da língua escrita está presente, particularmente, pelos sistemas gráficos da língua alemã e japoneses serem diferentes. Desde seus primeiros escritos, Tawada já mostra o debate entre o alfabeto latino e o sistema gráfico japonês. As implicações dessa reflexão estão não somente na análise da língua alemã, como também de suas repercussões dentro do japonês, língua materna que, em seus escritos, parece aos poucos se tornar estrangeira.

---

<sup>2</sup> Die zweite Person Ich

Als ich dich noch siezte,  
sagte ich ich und meinte damit mich.  
Seit gestern duze ich dich,  
weiß aber noch nicht,  
wie ich mich umbenennen soll.

É a partir da complexa relação estabelecida entre os sistemas de signos e das estruturas linguísticas que Tawada, por vezes, distingue o oriente do ocidente. Trata-se, portanto, de mais do que um simples jogo de palavras ou de um relato da diferença. A compreensão das particularidades de cada um dos sistemas serve não de forma estável e definitiva, mas como um revelador do outro, do infamiliar, do estrangeiro e da possibilidade de consciência de si. O olhar para as letras das palavras de uma outra língua como entidades, a partir das relação entre o fonema e o grafema, aumenta as possibilidades de se jogar a língua. Novamente, não apenas como jogo, mas de uma análise da cultura, justamente na tentativa de se olhar para símbolos do alfabeto latino como se estivéssemos frente a ideogramas japoneses.

Sou certamente um dos poucos escritores na Europa que se pergunta frequentemente se uma língua europeia poderia ser escrita em uma escrita diferente. Escrever poesia em ideogramas europeus: trata-se de um projeto artístico que ainda não realizei, mas que já tem influência na minha escrita<sup>3</sup> (TAWADA, apud BUSCH, 2008, p. 85. Tradução minha).

Entre os sistemas e as línguas, há, além da detecção de Tawada, uma grande parte imaginativa. O leitor tem a impressão de que um segredo é revelado quando uma similitude ou diferença entre os sistemas é encontrada, ou quando uma palavra se revela em outras possíveis significâncias.

Na minha escrita, frequentemente me inspiro por palavras alemãs como *Stern-kunde*, *Schrift-steller*, *Fern-seher*. Eu tinha a impressão que se haviam emprestado dois ou três ideogramas antigos do alemão para formar uma nova palavra. Os pilares da palavras alemãs são então construídos e compõe para mim um caractere de ideogramas que parecem ser fundamentais para minha escrita<sup>4</sup> (TAWADA, apud BUSCH, 2008, p. 88. Tradução minha).

Mesmo que na escrita de Tawada essa percepção ideográfica seja, de certa forma, subjetiva e não científica, ela é produtiva dentro da leitura. A relação criativa e deliberadamente inadequada dos signos retoma a reflexão sobre o próprio sistema do leitor e de outros sistemas. Nesse movimento de afastar ou aproximar a língua estrangeira de alguma outra língua, há uma fricção que permite um olhar sobre hábitos e convenções de uso dessa língua. Permite que se desligue por um instante do uso rotineiro da língua e que se aprenda-a novamente como se estivéssemos diante de uma língua estrangeira. Frente às imperfeições, incompletudes e permeabilidades da nossa língua, há também o estrangeiro, e percebê-lo, ao

---

<sup>3</sup> “Ich bin sicher eine der wenigen Autorinnen in Europa, die sich oft fragt, ob man eine europäische Sprache auch in einer anderen Schrift schreiben könnte. Dichten in europäischen Ideogrammen: Das ist ein Kunstprojekt, das ich bis jetzt noch nicht realisiert habe, das aber bereits auf mein Schreiben Einfluss hat”.

<sup>4</sup> “In meinem Schreiben wurde ich immer wieder von den deutschen Wörtern wie “Stern-kunde”, “Schrift-steller” oder “Fern-seher” inspiriert. Sie kamen mir vor, als hätte man zwei uralte germanische Ideogramme miteinander verbunden, um ein neues Wort zu bilden [...] [D]ie Bausteine der deutschen Wörter enthalten für mich einen ideographischen Charakter, der für mein Schreiben elementar zu sein scheint”.

se deparar com as dificuldades da língua que nos é familiar, mas que para o outro é estrangeira, aproxima-nos das dificuldades que o estrangeiro sente.

Na tradução, há um fenômeno parecido. Tawada analisa a tradução também como ferramenta de exploração de elementos culturais e linguísticos, não como símbolo de perda, mas de liberdade. Para ela, as línguas são colocadas em movimento através da confrontação, revelando reciprocidades, lacunas, e a combinação de jogos complementares. Como tradutora de seus próprios textos, ela fala em entrevista para a o Museu de Arte Moderna de Louisiana, sobre um experimento e sobre as dificuldades de escrever um livro simultaneamente em dois idiomas, ela relata:

[...] pensei em escrever um livro em duas línguas ao mesmo tempo [...] Primeiro escrevi uma coisa em japonês, quando li tudo em alemão, alguma coisa estava errada. Depois corrigi-o, depois corrigi uma coisa na versão japonesa, depois a versão japonesa estava toda esquisita. Depois corrigi a versão japonesa, mas depois a versão alemã era estranha<sup>5</sup> (tradução minha).

A atenção que Tawada dá para a pluralidade das línguas ocupa um lugar central de seus textos, comportando também a tradução em diferentes âmbitos – teorizando sobre a tradução ou refletindo sobre a presença da tradução na ficção. Isso permite a percepção de uma dimensão singular da obra de Tawada: a da globalização, a partir da ciência das diferenças culturais e do movimento constante de confrontação com o outro.

O livro de contos *Überseetzungen: Retrato de uma língua e outras criações* (TAWADA, 2019) ilustra a relação de alteridade humana e linguística em um contexto de globalização. A coleção é dividida em três partes: línguas Euroasiáticas, Línguas Sul-Africanas e Línguas Norte-Americanas. Através dos contos, cujo foco são os movimentos linguísticos e geográficos, Tawada faz emergir interpretações sobre a natureza da comunicação e o ato de viajar. Como resultado, temos uma reflexão sobre mobilidade, geografia e identidade. A conexão entre as línguas tem, portanto, uma articulação sobre história, espaço e política. Os jogos e a virtuosidade de Tawada conferem à obra um aspecto experimental, mas não de forma gratuita. Há na verdade uma particular dialética em seu olhar sobre a Europa e a Ásia, o que inclui um debate sobre a ideia de fronteiras na Europa e na Alemanha.

---

<sup>5</sup> “Ich habe gedacht, dass ich in zwei Sprachen gleichzeitig ein Buch schreiben möchte(...) ich habe zuerst etwas auf Japanisch geschrieben, als ich alles auf Deutsch gelesen habe, stimmt etwas nicht. Dann habe ich das korrigiert, dann in die japanische Version auch etwas korrigiert, dann war die japanische Version ganz komisch. Ich habe dann die japanische Version korrigiert, aber dann war die deutsche Version komisch”. Entrevista concedida em agosto de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nEXEqCc11LA>. Acesso em 13 out. de 2023.

De forma irônica, por vezes, Tawada contorna uma argumentação abertamente política, mas chega ao cerne do debate sobre a dissolução de fronteiras internas, colocadas pela autora como uma ilusão. Outro ponto colocado em debate é a questão da Europa e sua relação com o Japão. Tawada não se propõe à desconstrução de estereótipos asiáticos, ou mais especificamente japoneses, para apresentar sua cultura ou testemunhar sobre sua origem e língua materna; pelo contrário, seus relatos complexos de língua e história japonesa montam um olhar singular sobre o Japão, e da Europa em relação ao Japão, o que resulta em uma combinação e, conseqüente, em um olhar singular sobre as diferenças culturais. Ao compor um texto que se utiliza de estudos históricos e antropológicos fundantes de questões culturais, Tawada enxerga a Europa sob o prisma do Japão, assim como o Oriente a partir do Ocidente. Os processos formadores da nação, as tradições, os mitos, os fatos culturais, são todos apresentados sob olhar da Europa.

Os questionamentos propostos pela autora na literatura formam uma contribuição riquíssima de espaço e história no mundo globalizado. Dessa forma, muitas pesquisas acadêmicas que, em um primeiro momento, tinham foco puramente linguístico, inclinam-se, nos estudos mais atuais, para uma abertura e compreensão dos debates históricos e políticos levantados pela autora. O debate sobre hibridização de culturas que ocupam um mesmo lugar geográfico, que é proposto em sua obra, aprofunda um debate e o diálogo sobre as teorizações mais recentes no campo literário.

O olhar crítico sobre a Europa é uma forma da autora refletir sobre um espaço estruturado, mas que não é uniforme ou transparente. Pensar sobre as fronteiras como onipresentes, mas ilusórias, é um dos temas do texto *Wo Europa anfängt?* (TAWADA, 2006) (Onde começa a Europa?). As considerações geopolíticas, principalmente em relação à Ásia, são evidenciadas nesse texto, tanto no que se refere a fronteiras internas quanto externas.

A Europa não começa em Moscou, começa antes. Olhei pela janela e vi uma placa da altura de um homem, com duas setas desenhadas e as palavras "Europa" e "Ásia" por baixo. Estava no meio do prado, como um solitário funcionário da alfândega. "Já estamos na Europa!", chamei a Masha, que bebia chá junto ao compartimento. "Sim, para lá dos Urais é tudo Europa", respondeu ela impassível, como se nada significasse, e continuou a beber o seu chá. Dirigi-me a um francês, o único estrangeiro no carro além de mim, e disse-lhe que a Europa não começava em

Moscou. Ele riu um pouco e disse: "Moscou não é a Europa"<sup>6</sup> (TAWADA, 2006, p. 84-85. Tradução minha).

Publicado originalmente em 1988, *Wo Europa anfängt* alterna um diário de viagens com visões oníricas e o percurso da autora no trem transiberiano que sai da parte mais oriental da Rússia até Moscou. Ou seja, faz a travessia da Ásia para a Europa e vice-versa. Essa fronteira é transcrita como uma cena vivida pela autora, ao mesmo tempo que é uma marca inicial da carreira da autora em seus questionamentos geopolíticos.

O debate sobre a Europa é posicionado no questionamento sobre os mapas geográficos e na necessidade de definição de um espaço como pertencente a uma nação e seu poder sobre esse espaço. Percebe-se, também, uma característica importante sobre a autora: sua obra ensaística e narrativa aparecem fundidas em um mesmo texto. O cruzamento das fronteiras dos gêneros literários parece coerente à uma autora que questiona a existência de fronteiras geográficas.

### Conclusão

No quadro múltiplo de possibilidades que a Literatura Comparada vem desenvolvendo, aparecem com cada vez maior vitalidade propostas como a de Ottmar Ette (2017), em sua visão da *Weltliteratur* e de "literaturas sem morada fixa". Um tipo de literatura em sintonia com o momento atual e que aborda as perspectivas contextualizadas do objeto literário em suas singularidades. Seja pelo surgimento de novos padrões de movimentos transreais, translinguais e transculturais, Yoko Tawada parece figurar na teorização que estudos mais recentes comparatistas vêm desenvolvendo. O intercuro com outras áreas do conhecimento e o entrecruzamento que a disciplina de literatura comparada vem realizando, revelam ser somente a partir dessa constelação de abordagens que se pode traçar uma cartografia do comparativismo.

Seria de um reducionismo extremo uma simples distinção entre literatura nacional e mundial ao falar da obra de Tawada. Uma obra que só pode ser apreendida por uma espécie de "escrever entre mundos", ou nas palavras de Ette (ETTE, 2018, p. 17) "em vetorizações de proveniência variada e que atua de forma transreal". Uma abordagem que enxerga nas

---

<sup>6</sup> "Europa fängt nicht erst in Moskau an, sondern schon vorher. Ich blickte aus dem Fenster und sah ein mannshohes Schild, auf dem zwei Pfeile gezeichnet waren und darunter jeweils die Worte "Europa" und "Asien". Es stand mitten auf der Wiese wie ein einsamer Zollbeamter. 'Wir sind schon in Europa!' rief ich zu Mascha, die am Abteil Tee trank./ 'Ja, hinter dem Ural ist alles Europa', antwortete sie ungerührt, als ob es nicht zu bedeuten hätte, und trank ihren Tee weiter./ Ich ging zu einem Franzosen, dem einzigen Ausländer im Wagen außer mir, und erzählte ihm, dass Europa nicht erst in Moskau anfinge. Er lachte kurz und sagte: Moskau sei NICHT Europa'."

constantes travessias e nos cruzamentos de diferentes espaços, níveis temporais e mídias um potencial de análise literária junto aos estudos culturais.

A Europa, onde os constantes debates sobre migração definem eleições e políticas públicas, passa para o debate tawadiano sobre a percepção geopolítica como foco desde os primeiros textos. Como um espaço, por vezes, insensível ao estrangeiro e cuja percepção dentro de um mundo globalizado falha em ver os constantes movimentos migratórios como naturais, as reflexões trazidas pela escrita podem incitar um importante debate sobre espaço na Europa.

A Alemanha representa um ponto de vista, um local de onde a autora vê o mundo. Assim, a partir da Europa, onde, por vezes, nega-se o microcosmo globalizado, ao mesmo tempo que é um lugar central de encontro de diferentes culturas, está instalada uma autora que expande as relações entre Alemanha e Japão, entre ocidente e oriente. A partir de sua produção literária, Tawada se inscreve na literatura alemã, mas principalmente na *Weltliteratur*. Ao mesmo tempo em que nega uma ancoragem dentro de uma categoria literária, mescla línguas e apaga fronteiras, também sublinha seu parentesco com autores de língua alemã. Ou seja, profundamente conectada com a conceituação de *Weltliteratur*.

## Referências

- AUERBACH, Erich. *Philologie der Weltliteratur: Sechs Versuche über Stil und Wirklichkeitswahrnehmung*. S. Fischer Verlag, 2015.
- BANOON, Bernard. *Notes sur l'oreiller occidental-oriental de Yoko Tawada*. *Études Germaniques* 3, 2010.
- BUSCH, Bernd; PÖRKSEN, Uwe. *Magische Schrift: Körper der Literatur oder Tarnmantel der Politik?* In: ds. (Hg.): *Eingezogen in die Sprache, angekommen in der Literatur. Position des Schreibens in unserem Einwanderungsland*, Wallstein, Göttingen, 2008.
- DAMROSCH, David. *What is Worldliterature?*. Princeton: Princeton University Press, 2003.
- DE ABREU, Lúcia Collischonn. *TAWADA YÔKO NÃO EXISTE*. *Translatio* 14, 2017.
- ESSELBORN, Karl. *Übersetzungen aus der Sprache, die es nicht gibt. Interkulturalität, Globalisierung und Postmoderne in den Texten Yoko Tawadas*, 2007.
- ECKERMAN, Johann Peter; MEYER, Augusto; PINTO, Marina Leivas Bastian. *Conversações com Goethe*, 1950.
- ETTE, Ottmar. *WeltFraktale: Wege durch die Literaturen der Welt*. Springer-Verlag, 2017.
- ETTE, Ottmar. *Transarea. Eine literarische Globalisierungsgeschichte*. Berlin/Boston: Walter de Gruyter Verlag, 2012.
- ETTE, O. *Zwischen Welten Schreiben. Literaturen ohne festen Wohnsitz*. Berlin: Kadmos, 2005.
- JOBIM, José Luís; HASSAN, Waíl S.; LIMA, Rogério. *Literatura e (i) migração no Brasil/Literature and (Im) migration in Brazil*, 2020.
- LEZAMA LIMA,, José. *La expresión americana (edición de Irleamar Chiampi)*. FCE, México, 1993.

- KERSTING, Ruth. *Fremdes Schreiben: Yoko Tawada*, 2006.
- KRAENZIE, Christina. *The limits of travel: Yoko Tawada's fictional travelogues*. *German Life and Letters* 61.2, 2008.
- KURITA, Yukari. *Migrantenliteratur In: Deutschland: Eine Untersuchung zu Sprache und Gedanken von Yoko Tawada*. Tóquio, Universidade Gakushuin, 2015.
- LEZAMA LIMA, José; POUMIER, Maria. *L'expression américaine*, 2001.
- NEUMANN, Gerson Roberto, Marianna Ilgenfritz Daudt. *Eu sou uma língua: a exofonia na literatura de Yoko Tawada*. *Cadernos do IL*. Porto Alegre, RS. N. 58, 2019.
- ORTIZ, Fernando. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. Fundación Biblioteca Ayacuch, 1987.
- CASANOVA, Pascale. *The world republic of letters*. Harvard University Press, 2004.
- PORTO, Thais Gonçalves Dias e BARCELLOS, Natália Corrêa Porto Fadel. *A literatura sem morada fixa de Yoko Tawada: uma proposta de tradução de Schwager in Bordeaux à luz da exofonia tawadiana*. *Outra travessia* 1.33, 2022.
- SAID, Edward. *Traveling Theory. The World, the Text, and the Critic*. Cambridge, Mass.: Harvard UP, 1983.
- STURM-TRIGONAKIS, Elke. *Global playing in der Literatur: ein Versuch über die Neue Weltliteratur*. Königshausen & Neumann, 2007.
- TAWADA, Yōko; PÖRTNER, Peter. *Nur da, wo du bist, da ist nichts*. Konkursbuch-Verlag Claudia Gehrke, 1987.
- TAWADA, Yoko. *Abenteuer der deutschen Grammatik*. Tübingen: Konkursbuch Verlag, 2010.
- TAWADA, Yōko. *Überseetzungen: retrato de uma língua e outras criações*. Class, 2019.
- TAWADA, Yōko. *Wo Europa anfängt*. Konkursbuch Verlag Claudia Gehrke, 2006.
- TYERNEY, Robin Leah. *Japanese literature as world literature: visceral engagement in the writings of Tawada Yoko and Shono Yoriko*. 2010. Tese (Doutorado em Filosofia) University of Iowa. Iowa, 2010.
- WRIGHT, C. *Writing in the „Grey Zone“: Exophonic Literature in Contemporary Germany*. *gfl-journal*, Cambridge, n. 3, 2008.

**Recebido em:** 15/10/2023; **Aceito em:** 10/12/2023.